

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

DARLAN FAGUNDES WITCHAKI

EM BUSCA DO OURO ESCONDIDO
Histórias e lendas sobre tesouros debaixo da terra

(livro-reportagem)

São Borja

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

DARLAN FAGUNDES WITCHAKI

EM BUSCA DO OURO ESCONDIDO
Histórias e lendas sobre tesouros debaixo da terra

(livro-reportagem)

Relatório apresentado ao Curso de
Jornalismo - da Universidade Federal do
Pampa, campus São Borja, como requisito
da disciplina de Trabalho de Conclusão de
curso II

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Duval

São Borja

2021

DARLAN FAGUNDES WITCHAKI

**EM BUSCA DO OURO ESCONDIDO: HISTÓRIAS E LENDAS SOBRE TESOUROS DEBAIXO DA
TERRA**

(Livro-reportagem)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04/05/2021.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Adriana Ruschel Duval
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Muriel Pinto
UNIPAMPA

Prof. Dr. Miro Bacin
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/06/2021, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRO LUIZ DOS SANTOS BACIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/06/2021, às 10:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MURIEL PINTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/06/2021, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0550210** e o código CRC **8F4E16D2**.

RESUMO

O presente relatório trata da produção do livro-reportagem **Em busca do ouro escondido – histórias e lendas sobre tesouros debaixo da terra**, que aborda aspectos históricos e culturais envolvidos na procura pelas riquezas subterrâneas, desde os primórdios dessa prática na história do Brasil até o presente momento. Hoje em dia ainda há resquícios de uma tradição – a proteção dos bens de valor através de seu “enterro” –, procurados e, por vezes, encontrados na cidade de São Borja/RS. O objetivo desse trabalho jornalístico foi investigar o que há de mito e realidade em torno da crença nas fortunas que existiriam debaixo da terra e, há gerações, mobilizam pessoas, por hobby ou por “revelações” sobrenaturais, a prospectarem o subsolo em busca de tais preciosidades. O enfoque experimental incidiu, pois, na perspectiva da constituição de um material que somasse pesquisas bibliográficas e documentais a um trabalho de campo em busca de evidências e testemunhos sobre o tema, sob a forma de grande reportagem, disposta como livro.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Ouro escondido; “Enterros”; fortunas subterrâneas; São Borja.

RESUMEN

Este informe trata sobre la producción del libro-informe **En busca del oro escondido - historias y leyendas sobre tesoros subterráneos**, que aborda aspectos históricos y culturales involucrados en la búsqueda de riquezas subterráneas, desde el inicio de esta práctica en la historia de Brasil hasta la actualidad. Hoy en día aún quedan restos de una tradición - la protección de bienes valiosos a través de su "entierro" -, buscada y en ocasiones encontrada en la ciudad de São Borja / RS. El propósito de este trabajo periodístico fue investigar el mito y la realidad que rodea a la creencia en las fortunas que existirían bajo tierra y, durante generaciones, han movilizó a la gente, por afición o por "revelaciones" sobrenaturales, para buscar en el subsuelo en busca de tales gemas. El enfoque experimental, por tanto, se centró en la perspectiva de la constitución de un material que sumaba la investigación bibliográfica y documental a un trabajo de campo en busca de evidencias y testimonios sobre el tema, en forma de un gran informe, ordenado como un libro.

Palabras clave: Libro-reportaje; Oro escondido; "Entierros"; fortunas subterráneas; São Borja.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4. DETALHAMENTO DO PRODUTO.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. ORÇAMENTO	26
7. CRONOGRAMA	26
9. REFERÊNCIAS	27
10. ANEXOS	30

1. INTRODUÇÃO

O município de São Borja, localizado na fronteira Oeste gaúcha, avizinhando a Argentina, possui umas das civilizações mais antigas do Rio Grande do Sul. Os registros oficiais reportam o ano de 1682 como o de fundação da cidade, que seria considerada “o primeiro dos Sete povos missioneiros”, com uma redução jesuítica originária da que havia do outro lado do rio, no país vizinho. Os padres, espanhóis, estabeleceram a estrutura dessa redução na região onde hoje se encontra o Centro, sendo sua igreja erguida no local correspondente ao atual tempo matriz, defronte à Praça XV de Novembro.

Ao longo dos anos, por sua posição geográfica, a cidade teve diversos episódios de embates, relacionados a disputas territoriais. Desde os tempos jesuíticos, a iminência da chegada do inimigo representava a necessidade de se tomar precauções para evitar que bens de grande valor fossem saqueados. Na inexistência de instituições bancárias ou até mesmo de cofres que tivessem um sistema de segurança satisfatório, a forma como os antepassados lidava para prevenir esses roubos e furtos estava ligada a palmos debaixo da terra. O “enterro” dos tesouros, geralmente em local onde havia um ponto de referência – como uma árvore frondosa, por exemplo – tinha essa função protetiva. Mas, com o curso dos anos, acabou ganhando causas associados ao feito. Dessa forma, não apenas hoje vemos os “enterros” sob o prisma da possibilidade concreta de haver bens no subsolo, como também, há várias gerações, esses “enterros” vêm sendo associados a crenças populares que cogitam a incidência de fenômenos sobrenaturais.

Dessa maneira, São Borja persiste como um local – por sua antiguidade e toda sua história – rico em chances de as pessoas localizarem “o ouro escondido”. Seja a riqueza que, por ventura, tenha sido protegida pelos jesuítas em supostos túneis subterrâneos; seja a riqueza das famílias, ocultada nas propriedades rurais ou em moradias na cidade. Esse clima, de tom um tanto místico, que desperta curiosidades e leva a prospecções com os mais avançados equipamentos de detecção de metais, é nítido nas narrativas do são-borjense.

Nossa reportagem foi em busca de verificar aquilo que, desde criança, ouvimos falar: a crença nos tesouros debaixo da terra. Primeiramente pesquisamos sobre o ouro no Brasil, para termos embasamento suficiente para compreender de que forma as pessoas valorizam e buscam

esse tipo de riqueza, a partir do que é emprestado, histórica e culturalmente, ao imaginário do povo. Igualmente nos deparamos com histórias ligadas aos jesuítas e às riquezas que teriam acumulado aqui no Brasil, exportadas em navios ou saqueadas por invasores. Fomos atrás de elementos que nos conduzissem ao espírito protetivo, diante dos inimigos dos velhos tempos, que sempre lutavam pela conquista territorial.

Em livros, artigos e sites foi possível vermos como tudo isso se dava, e que a questão de usar o subsolo para esconder bens era viável e necessária. Vimos, também, que a ambição por encontrar ouro e enriquecer, da noite para o dia, é ainda presente na São Borja de 2021. Isso porque há casos reais de pessoas que mudaram seu padrão de vida depois que localizaram “enterros”. De outra parte, há pessoas especializadas em percorrerem determinados locais em busca de evidências de metais preciosos, muitas vezes obtendo êxito nessa procura.

Portanto, ao introduzirmos este relatório, já mencionamos que nosso percurso de investigação jornalística nos levou a reforçar a crença na existência de muitos tesouros ainda ocultos em solo são-borjense. No livro-reportagem incluímos a forma como esses “enterros” são encarados, muitos dos quais “avisados”, em sonho ou visões extraordinárias, sobre o exato local onde se encontrariam. Para podemos considerar tanto os aspectos objetivos (existência de metais preciosos debaixo da terra) quando os místicos (sinais, sonhos ou visões sobrenaturais), nos respaldamos em pesquisas externas e, depois, fomos atrás de dois personagens representativos, cuja experiência seja consistente e, até mesmo, tenha se repetido. Utilizamos a menção a esses personagens através de pseudônimo por nós criado, para preservação de sua identidade. Esse foi um dos requisitos que eles exigiram para revelarem sua história em detalhes.

No livro-reportagem que fizemos, portanto, seguimos a seguinte lógica de apresentação dos conteúdos:

Na Apresentação, expomos o assunto e, de forma breve, para não sermos cansativos, resumimos o que o leitor encontrará na obra. Optamos pelo título “Preciosidades debaixo da terra” para apresentarmos informações que instigassem o leitor a prosseguir e nos acompanhar nessa aventura. No Capítulo I, “Brasil, um país de riquezas”, colocamos o fruto de pesquisas históricas ligadas à busca do ouro, que tanto fomentou disputas quanto revelou interesses que fizeram com que nosso metal precioso fosse cobiçado além-mar.

No Capítulo II, “Tesouros jesuítas: seriam apenas lenda?”, voltamos ao tempo das reduções para problematizarmos se seria verídica ou não a conservação de riquezas por parte da Igreja. E ainda, como os jesuítas lidavam com a proteção de seus bens, cogitando-se a imposição de estratégias para driblar os saqueadores, dentre as quais até hoje se falam nos tais túneis subterrâneos.

No Capítulo III fomos atrás de elementos mais específicos da nossa região, “As invasões de São Borja e os ‘enterros””, quando pudemos constatar as motivações, regidas pelas circunstâncias de época, para se fazer de tudo para preservar as riquezas. E não foram poucas as ocasiões em que os moradores de São Borja se preocuparam com suas riquezas. Os tais “enterros”, ou seja, a ocultação dos bens debaixo da terra, em potes, panelas e outros repositórios, foram sendo encontrados ao longo dos anos, e ainda hoje despertam interesse, sendo, de fato, por alguns localizados.

No Capítulo IV é abordada, de modo mais direcionado, “A busca pelo ouro escondido”, quando falamos dos casos que sabemos e da maneira como eles são desencadeados. Nessa parte descrevemos o que nossas fontes nos subsidiaram em termos de informações sobre como encontrar e quais as regras que alguns acreditam estarem implícitas nessa busca.

No que chamamos de “Finalização”, sob o título “Os achados do percurso”, fazemos uma reflexão sobre todo esse processo, das informações sobre o ouro escondido às descobertas e revelações pessoais que essa experiência nos conferiu.

Por fim, explicitamos, no livro, também as “Referências” utilizadas, mencionamos “Sobre o autor” as principais informações a nosso respeito, e encerramos com a descrição “Sobre a Série Memória Borja”, já que o livro integra a coleção de obras, orientadas pela Profª Adriana Duval, que pretendem contribuir para a construção da memória de diferentes assuntos ligados à cidade.

2. METODOLOGIA

Nosso trabalho incluiu procedimentos metodológicos iniciados com pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo (reportagem). Priorizou-se a pesquisa bibliográfica nas publicações existentes para obter-se informações de base sobre os trabalhos já executados sobre o tema, como indicam Marconi e Lakatos (2003).

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e ce. --tosa erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. A soma do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para seu trabalho. Antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de todas as fontes documentais, que sirvam de suporte à investigação projetada. (MARCONI E LAKATOS, 2003, pág.158)

Para darmos início ao percurso investigativo, foram muito válidas as orientações de Duarte (2005) relativas aos procedimentos que visam identificar informações bibliográficas e selecionar documentos e referências que serão pertinentes ao trabalho acadêmico. Na sequência, fizemos sondagens à população, em mais de um momento, ensejando verificar o que ela sabia ou conjecturava a respeito do tema. Essa consulta foi muito interessante, pois nos abriu o leque de fontes e até mesmo o entendimento sobre o que as pessoas pensavam sobre o assunto nos dias de hoje.

Muitas foram as pesquisas, na internet, objetivando encontrar mais e mais referências, em diversas fontes. De produções acadêmicas até sites pessoais. Tudo contribuiu para que ampliássemos o conhecimento e tivéssemos condições de buscar mais elementos, junto às pessoas que selecionamos conforme seu grande de envolvimento com o tema ou seu domínio sobre a história local. Pesquisadores, escritores, historiadores, pessoas que acharam “enterros” e pessoas que prospectam riquezas, por hobby, estão entre nossos entrevistados. Foi um momento de muita realização esse contato, pois alguns desses tiveram mais de uma sessão de entrevista. Ao final, já não eram apenas “fontes”, mas “amigos”, contribuindo para o desenrolar da produção.

Precisamos confessar que, em um primeiro momento, alguns desses “colaboradores” não demonstraram uma receptividade imediata. Tiveram receio de expor suas histórias, de falar em valores e tudo o mais envolvido, talvez pelo medo de que possam ser julgados ou cobrados por terem encontrado preciosidades alheias e tido proveito delas. Foi preciso tempo, paciência e muito diálogo e descontração, além de fornecer-lhes informações sobre nosso trabalho, as demandas da nossa orientadora etc, para que eles ficassem mais confortáveis e comesçassem a interagir conosco com espontaneidade.

Salientamos, aqui, algo que mencionamos na obra, que esse tema veio a ser objeto de TCC após ganharmos um concurso muito significativo, o Primeira Pauta, do jornal Zero Hora. Justamente foi o assunto que levamos para concorrer, e produzimos texto e vídeo sobre ele, chegando a finalistas e ganhando como prêmio a oportunidade de vivenciar a redação de ZH por uma semana, com tudo pago. Essa curiosidade que o tema desperta, o fato de que, há gerações, mobiliza crenças e buscas, é algo fantástico. Tivemos muita satisfação em empreender esse trabalho. As pesquisas citadas e o trabalho de campo nos conduziram a decidir sobre o aproveitamento do material constituído: poderia ser uma série de podcasts; poderia ser um caderno especial temático; e poderia ser um livro-reportagem – que foi nossa decisão final.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Decidimos fazer um livro-reportagem. Entendemos que a carga de conteúdos apurada tinha fôlego para tal. Como explica Belo (2006), é um tipo de produto que não se limita em narrar somente acontecimentos factuais, mas agregar informações paralelas. Essa decisão conferiu um maior grau de contextualização à história e às informações coletadas.

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41)

Para Belo (2006, p.42), “uma das características mais marcantes do livro como veículo jornalístico é o mergulho profundo nos fatos, personagens, situações, subentende-se que esse tipo de reportagem tem sempre a pretensão inequívoca de esgotar um assunto ou ao menos chegar muito perto disso”. Como enfatizou Lima (2004, p.81), “essa modalidade de mensagem jornalística apresenta um diversificado leque de obras que variam da resposta padronizada ao desafio do relato em profundidade a mais alta experimentação bem-sucedida de mergulho na complexidade do tempo contemporâneo”.

Por meio de técnicas de apuração e produção textual, nos foi possível relacionar passado e presente. Para Belo (2007), no livro-reportagem essa ação exige um cuidado com a conexão entre as informações de diferentes tempos. “O livro-reportagem requer um levantamento de dados que permita conectar fatos e circunstâncias passados, mas também relacionar acontecimentos aparentemente sem relação direta com o tempo que a obra trata” (BELO, 2007, p. 48).

Esse tipo de produto (livro-reportagem) teve grande presença no Brasil da década de 1950, com forte influência do realismo social do século XIX. Esse movimento artístico havia se caracterizado pela representação da natureza e pela fotografia do “real”. Intelectuais e escritores alteraram a noção idílica de Brasil, dando lugar à realidade sobre o atraso socioeconômico e à consciência do subdesenvolvimento. O realismo social impulsionou, sobremaneira, o jornalismo literário e contribuiu para o desenvolvimento do livro-reportagem moderno.

O tratamento das reportagens passou a ser mais especializado, com uma profundidade na busca de conseguir retratar o fato como história, deixando de lado a necessidade da rapidez e fragmentação das informações. Nesse intuito, o livro-reportagem passa a ter uma função muito bem reconhecida, segundo Belo (2006):

É possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento para a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada, contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – coma exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidade para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento em abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p.41)

Esse conceito de livro-reportagem nos ajuda a compreender as características associadas ao formato: de um jornalismo “de profundidade”, crítico, literário e analítico, com sua relevância em cumprir um papel de abranger as lacunas deixadas pelos outros gêneros jornalísticos. Para Edvaldo Pereira de Lima (1951), o que distingue um livro-reportagem das demais publicações são as seguintes condições: o conteúdo, a correspondência ao real, a veracidade e a verossimilhança. O autor igualmente fala de linguagem, montagem e edição textual. Outros aspectos por ele listados para essa definição conceitual são a função e a capacidade em servir a finalidades jornalísticas – ao trazer uma abordagem multiangular de uma questão, em busca das diversidades de pontos de vistas, causas e consequências.

Portanto, temos o entendimento de que o livro-reportagem possui variadas finalidades. No entanto, tem como objetivo informar em profundidade determinado tema. Nossa opção, no TCC, foi fazer um livro reportagem-história, definido como o que:

Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos mais variados. (LIMA, 1951, p. 54)

Segundo Rocha e Xavier (2013, p.4), o livro-reportagem atende à perspectiva de invenção e reinvenção de técnicas, procedimentos e modelos, além da inovação de meios e suportes para o desenvolvimento do jornalismo. Para eles, o incremento da incidência desse modelo no circuito editorial tem a ver com o interesse do público e a possibilidade de os livros representarem alternativa aos profissionais jornalistas para desenvolverem um texto diferenciado da prática das *hard news*. Conforme os autores:

A utilização do livro como suporte para o jornalismo não é atual, mas nem todo livro corresponde a não-ficção. Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias. No âmbito da ciência, a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considera o livro-reportagem como um campo de conhecimento dentro da área da Comunicação, que por sua vez pertence à grande área das Ciências Sociais Aplicadas (ROCHA e XAVIER, 2013, p. 144).

Lima (2005), mais uma vez nos ajuda a compreender o formato. Segundo o autor, o livro-reportagem proporciona uma polifonia desejável, ao mesmo tempo em que articula a memória do passado com a interpretação da contemporaneidade – não requerendo que haja uma fixação no critério da factualidade.

Como parte em busca de aprofundamento, o livro-reportagem quase sempre despreza a espetacularização nas entrevistas, realizando-as na maioria dos casos como o propósito de compreensão. (...) É usual a entrevista aparecer, como um depoimento coletado, na condição de simples aval de um tema se que discute. (...) Todavia, muito mais do que na reportagem do jornalismo impresso cotidiano, a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. (LIMA, 2004, p. 107)

Com as características citadas, adotamos esse formato e fomos muito felizes com essa escolha, pois sentimos uma certa liberdade durante a confecção. Isso nos deu autonomia e confiança para prosseguir, a partir do momento em que constatamos que havíamos feito um trabalho bastante sólido e promissor. O fato de o livro-reportagem conseguir explorar diversas ramificações de um tema e conectar desdobramentos de cada história ou personagem é algo incrível, que descobrimos realizando a atividade. A aplicação das técnicas de preservação das fontes, bem como de respeito e conduta ética, integraram nosso percurso e muito nos deram em termos de aprendizados para a vida e a profissão.

O trabalho da reportagem de campo, aliás, reuniu muitas lições. Em determinados momentos rompemos com a promessa de não estaremos presencialmente nos ambientes, e para lá fomos, com todos os cuidados necessários devido à pandemia pelo Covid-19. Foi inevitável, pois alguns dos entrevistados, pela idade, tinham muitas restrições de dialogarem e mostrarem o que gostariam de modo remoto. Nessas situações vale a máxima do “olho no olho”.

De modo geral, seguimos todos os procedimentos relacionados à produção de uma matéria. Planejamos a pauta, definimos seu enfoque, conseguimos ter algumas ideias de fontes para entrevistas. Fomos atrás de materiais de apoio, que nos dessem a contextualização necessária. Só então adentramos no universo da apuração, abrangendo o máximo de recursos possível, ultrapassando os limites iniciais: fomos cogitando possibilidades, crenças, motivações, tudo o que o assunto do ouro escondido suscitava. Isso porque, como diz Lage (2005),

Trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2006, p. 15)

Esse entendimento foi muito importante, assim como a constatação da necessidade em se buscar fontes realmente qualificadas para serem representativas. Nós ouvimos diversas pessoas, muitas das quais generosas em seus relatos de crenças e vivências pessoais. Mas para apresentarmos algo ao leitor, precisávamos transpor isso e selecionar as que, efetivamente, tinham um perfil que as colocassem como protagonistas ou testemunhas oculares dos episódios narrados.

Dentro dessa proposta, de livro-reportagem, está embutida a própria ação, da reportagem em si. Do ato de reportar. Vamos comentar sobre isso um pouco. Começamos lembrando que o livro-reportagem trabalha com elementos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno real. Para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos. Dessa maneira, para fazermos uma obra sobre o ouro escondido, recorreremos a técnicas e instrumentos utilizados em nossa área, como a entrevista jornalística aplicada aliada à captação da história oral.

É importante sempre termos em mente, conforme nos ensina Nilson Lage (2006, p.54), que “a reportagem não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto ou do relato de um episódio complexo de acordo com um ângulo

preestabelecido”. Já a entrevista, para o mesmo autor (2003, p. 73), é definida como “o procedimento clássico para a apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

Outro autor que nos auxilia a reafirmarmos e ampliarmos nossos conhecimentos sobre as técnicas de reportagem e entrevista é Garrido (1992/93). Para ele, a entrevista fornece elementos que apontam a uma construção que o sujeito faz de seu passado com base no que retém na memória. A coleta de dados voltado baseada nos relatos pessoais – histórias de vida – tem nas fontes orais o mais rico aporte informativo. Verificamos isso de perto ao contatarmos com as pessoas indicadas, que teriam histórias sobre o ouro escondido.

Fizemos uma caminhada, nesse âmbito do trabalho de campo, em que aplicamos técnicas descritas por Garrido, Meihy e Holanda no livro “História oral: como fazer, como pensar” (2010, p.17). Vimos que a história oral é um “recurso moderno que serve para a elaboração de registros, documentos, arquivos e estudos referentes à experiência social”. Para fins metodológicos, os autores fazem uma diferenciação quanto ao uso da história oral e das entrevistas convencionais. Tal distinção apresenta-se nos critérios de captação das narrativas, pois utilizar a técnica da história oral requer importantes cuidados:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 15).

Observamos isso de perto e, inclusive, nossa negociação e determinação em usarmos pseudônimos (codinomes) para os personagens que têm ligação direta com o encontro de “enterros” tem respaldo nessa premissa. Precisávamos de confiança, autorização e, por fim, de um relato fluido e sincero, desprovido do temor de possíveis represálias quando fosse acessado pela sociedade local. Garrido (1992/93) nos ensina que esse movimento de interação interpessoal leva a uma complexa narrativa de interpretação histórica. Esse método, baseado no que define o autor, dá margem a diferentes abordagens, incorporando novos sujeitos à construção narrativa e ampliando as possibilidades de pesquisa.

O uso de fontes orais nos permite — como dissemos —, por um lado, um aprofundamento na história de grupos sociais que, por razões diversas,

estiveram marginalizados ou quase ausentes das fontes documentais escritas; de outro lado, nos permite penetrar na percepção do processo histórico feita por indivíduos ou grupos concretos. Na medida em que a informação oferecida pelos membros destes grupos nos permita conhecer essa história, nos termos em que o grupo a viveu, parece evidente que o mais adequado é que as intervenções do entrevistador sejam mínimas e as mais breves possíveis. (GARRIDO, 1992/93, p.43)

Ainda sobre entrevista, temos relevantes conhecimentos de Medina (2008, p.8), em relação ao tema. Para ela, é preciso levar em consideração que “em suas diferentes aplicações [a entrevista] é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais”. A autora (idem) defende que “a entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”.

Podemos dizer, com base nessa menção ao referencial teórico, após discorrermos sobre os principais pilares de nossa produção, que tivemos o intuito de construirmos um trabalho de reportagem histórico-exploratório, em um primeiro momento, que culminou com a abordagem, na sequência, de informações oriundas das entrevistas em profundidade, obtidas com as técnicas da História Oral. Ou seja, partimos da apresentação de um cenário, do passado, para uma ação presente, dos protagonistas, no atual momento. Nossos personagens nos revelando seus movimentos e suas questões relacionadas ao tema. Alguns dos entrevistados foram mencionados com menos aprofundamento, mas ainda assim os consideramos deveras relevantes à narrativa. De fato, o que encontrou “enterros” e o que se mantém, como hobby, em busca de possíveis riquezas escondidas no subsolo são os mais instigantes personagens, quenos deram confiança para encerrarmos a reportagem com a consciência tranquilo de que havíamos encontrado bons “cases”.

Após apresentarmos, neste relatório, as intenções do trabalho que realizamos, bem como o modo como foi desenvolvido (metodologia) e a conceituação dos pilares teóricos que embasaram nossa investigação e produção, a seguir iremos adentrar nos detalhes das escolhas gráficas, que receberam o conteúdo textual e imagético do trabalho de reportagem.

4. DETALHAMENTO DO PRODUTO

Escolhas gráficas

Escolher a “cara” do livro foi um procedimento que levou em conta: a natureza do objeto “ouro” (preciosidade, requinte e, ao mesmo tempo, algo que está na natureza, não criado pela mão humana); e a tudo o que seu visual nos oferece de inspiração (cor, brilho, solidez etc).

A paleta de cores, apresentada à autora do projeto gráfico e responsável pela diagramação, incluiu amarelos, tons terra, alaranjados e avermelhados.

Para a capa e páginas de identificação de capítulo optamos pela cor que remete ao amarelo queimado, sendo que na capa há uma textura de “envelhecimento”, como se fosse uma superfície marcada pelo tempo. Na abertura de capítulos, decidimos sempre começarem em página ímpar (à direita), com uma página acompanhando, à esquerda, em cor dourada (textura metálica). Essas opções de cores têm referência direta aos tons mais representativos do mineral ouro.

Outro cuidado que tivemos, na concepção gráfica, foi demarcarmos cada abertura com um elemento relacionado ao tema: uma moeda de ouro. Ela aparece abaixo da parte correspondente, sinalizando que um novo conteúdo ali se inicia. Fazendo alusão à forma de uma moeda (redonda), a numeração de páginas é envolvida em um círculo. Durante a obra também se pode observar uma série de elementos ilustrativos, como fotos de moedas, relógio antigo, faca – de nossa autoria – e também de desenhos e fotografias de acervos acessados pela internet. Essas imagens, como mencionamos, têm papel ilustrativo, ou seja, de complementar o conteúdo tratado na narrativa escrita.

Para a capa houve um trabalho também bastante direcionado. Fizemos uma sessão de fotos exclusivamente para obtermos a melhor imagem para acompanhar a ideia do título. “Em busca do ouro escondido” sugeria, pois, a mescla de ouro e terra. Então, um dos nossos personagens foi conosco para um local aberto, com horizonte típico do interior de nosso município e a presença de terra vermelha, característica de nossa região, e lá colocamos moedas antigas para fazermos a foto de capa e darmos essa ideia de correspondência ao título da obra. Ainda quanto à capa, a escolha das letras – fontes Celandine, Cormorant Garamond e Open Sans Light – tem ligação com o intuito de sugerir letras que remetam a esse clima de “aventura”

criado em torno da busca pelo ouro. Ao mesmo tempo, priorizamos escolhas de boa legibilidade, fugindo das cursivas ou muito rebuscadas, por exemplo.

O livro ficou com 104 páginas, na dimensão de 15x21cm, e seu miolo seguiu uma diagramação mais formal, sem ser pesada. As fotos ocupam meia página, página inteira ou até duas páginas. Como as fotos foram indicadas ao longo do texto, ou seja, cada uma tinha um ponto exato para ser inserida, essa colocação foi sendo realizada pela profissional de diagramação, que foi escolhendo a melhor maneira de compô-las com o conteúdo textual.

De forma geral, há um uso equilibrado de brancos, o que confere mais conforto à leitura. Ao longo das páginas foi procurado seguir um padrão de distribuição harmônica, sem sobrecarregar determinadas páginas, quando havia a questão de fotos a comporem junto. Na contracapa, entendemos que o texto-síntese da professora orientadora, associado a imagem ilustrativa por nós tirada de parte de um dos “achados” e com as logomarcas institucionais são elementos interessantes, que despertam a curiosidade do leitor e conferem credibilidade.

O livro, inicialmente elaborado para formato digital, teve sua versão impressa viabilizada através de pesquisas orçamentárias feitas junto a gráficas da cidade, considerando o tempo de produção dos exemplares. O miolo foi impresso em papel sulfite, e a capa em couchê plastificado, tendo miolo e capa sido levados à encadernação artesanal (colagem e costura), feita por uma profissional especializada no ofício.

Escolhas de conteúdo

O desenvolvimento do conteúdo foi norteado pelas escolhas das abordagens que cercam o tema do ouro. Há diversos outros aspectos que poderiam ter sido incluídos, mas para o presente trabalho enfatizamos uma síntese dos seguintes aspectos, como antecipamos, brevemente, na Introdução:

:: História do ouro no Brasil

:: Supostas riquezas jesuítas e menção a túneis subterrâneos

:: São Borja em região fronteira, alvo de disputas e invasões e a recorrência a “enterros”

:: As lendas e as superstições associadas à questão dos tesouros escondidos sob a terra

:: Casos de quem procura, de quem já encontrou e de quem acredita na veracidade do tema

Para iniciar e para concluir essa jornada pela síntese da história e pelos causos, colocamos uma breve “Abertura”, no intuito de introduzir rapidamente o assunto, sem delongas, para que o leitor fosse direto ao conteúdo. Dessa forma, optamos por não descrever, ali, cada capítulo, entendendo que o gênero reportagem nos permite algumas experimentações no formato, até mesmo para tornar o produto mais atraente à leitura. Ao final do livro, inserimos o que chamamos de “Fechamento”, que é como uma conclusão, apresentando reflexões e constatações sobre o percurso, mas também incluindo apreciações pessoais sobre a vivência.

Vamos descrever, a seguir, o que foi abordado em cada capítulo do livro-reportagem. Começando pelo Capítulo I, “BRASIL, UM PAÍS DE RIQUEZAS”. Nele procuramos trazer, resumidamente, a história da descoberta do ouro no Brasil, que engloba desde o período açucareiro, em que o país enfrentava uma enorme crise por conta da elevada produção dos engenhos holandeses, franceses e ingleses na América Central, até o período em que foram encontradas as primeiras pedras preciosas e as primeiras pepitas de ouro. Nesse capítulo abordamos como foi esse período da exploração do ouro no Brasil, pois desde a descoberta das primeiras pepitas houve uma grande migração de estrangeiros para o nosso país, em busca de riquezas.

Tratamos de fatos ligados às circunstâncias daquela época, como a criação de impostos, por parte da coroa portuguesa, sobre o ouro extraído no Brasil. Um deles era o imposto do quinto, ou seja, tudo o que era extraído deveria ser pesado e, durante a pesagem, deveria ser destinado 1/5 do montante à Coroa. Encerramos relatando que grande parte dessa exploração, acabou ficando aqui mesmo no Brasil. Uma quantidade expressiva teria ficado oculta em construções barrocas e igrejas. O restante teve como destino Portugal, com o intuito de financiar guerras, subsidiar obras públicas e gastos da corte portuguesa.

Toda essa síntese foi viabilizada por pesquisas em livros, artigos e sites da internet, bem como também através de entrevistas com historiadores e especialistas que possuem conhecimento sobre esse período da história do Brasil.

No Capítulo II, “TESOUROS JESUÍTAS: SERIAM APENAS LENDA?”, tratamos sobre as riquezas associadas aos padres jesuítas, já que supostamente grande parte do ouro extraído teria ficado em construções barrocas e até mesmo escondidos nas igrejas. O capítulo traz como destaque o poder que a Igreja possuía na época e os registros sobre as riquezas dos jesuítas terem sido alvo de disputas e invasões de inimigos que intencionavam saqueá-la. A primeira dessas invasões ocorreu no Rio de Janeiro, quando o corsário francês Duclerc aportou naquelas terras e, logo após, acabou sendo preso por uma frente de estudantes da escola jesuítica, os quais eram liderados por Bento do Amaral Coutinho. Após essa primeira tentativa de invasão, outras também foram colocadas em prática. Mas os jesuítas, sabendo que poderiam ser vítimas de outros ataques, teriam ocultado seus bens como forma de protegê-los. Existem menções ao uso do recurso de enterrar os bens embaixo da terra ou de escondê-los em túneis subterrâneos supostamente construídos e utilizados também como rota de fuga.

Dessa forma, surge o termo “tesouro dos jesuítas”, pois muito do que há de ouro ainda enterrado na região das Missões, pode ter relação com esse período, seja na realidade ou seja no imaginário do povo. A finalização desse capítulo se dá com o questionamento: afinal, os túneis teriam existido?

Na sequência, o Capítulo III explora o tema “AS INVASÕES DE SÃO BORJA E OS ‘ENTERROS’”. Trouxemos uma abordagem que menciona o fato de São Borja, na fronteira com a Argentina, ser alvo de constantes combates militares por conta de disputas territoriais. A iminência da entrada do “inimigo”, em diferentes períodos históricos, sempre foi algo muito vivo entre os habitantes daqui.

Citamos que houve três invasões que se destacaram em nosso território, em que disputas sangrentas tomaram conta. A primeira se deu por Andresito Artigas, filho de criação do General José de Artigas, que teria nascido em São Borja. Ele acompanhou seu pai adotivo desde os 11 anos de idade. Invadiu as Missões pelo Passo de Itaquí, em setembro de 1816. Cercou a cidade de São Borja no dia 21 do mesmo mês, com dois mil homens, entre castelhanos e índios, cortando os meios de abastecimento do povoado. O embate se alongou por duas semanas de lutas, se encerrando com Andresito abatido e suas forças vencidas, cruzando de volta pelo rio Uruguai.

Nesse capítulo incluíamos a segunda invasão, que se deu pelo general Fructuoso Rivera, que tempos antes havia invadido o território rio-grandense. Uma coluna importante comandada

por Barnabé Rivera marchou contra São Borja, então sede do comando geral das Missões, dando-lhe cerco nos últimos dias de abril de 1828. São Borja acabou por ser abandonada pelo comandante de suas forças e seus administradores gerais, pois diante de suas comunicações oficiais seria impossível resistir à invasão, pois se desenvolvia em várias frentes no território missioneiro.

Já a terceira invasão, sobre a qual abordamos no texto, foi efetivada pelas forças paraguaias, mais precisamente no dia 10 de junho de 1865. As tropas atravessaram o território argentino pela província de Corrientes, onde concentraram seu centro de operações. Uma coluna de 12 mil homens, sob o comando do coronel Antônio de La Cruz Estigarribia, foi designada para invadir nosso território e a banda oriental do Uruguai.

Em meio a esses conflitos, com homens armados invadindo São Borja, podemos imaginar que se justificariam os “enterros” dos bens valiosos, também devido à inexistência de cofres seguros ou instituições bancárias naquela época. Quando ocorria esse tipo de invasão, quem possuía grandes fortunas acabaria por enterrar as mesmas em locais em que pudesse, depois das invasões, serem identificadas. Há relatos de que muitos teriam se utilizado de “marcas” do cenário para colocarem o enterro ali, como determinadas árvores – exemplo, um pé de figueira –, de modo que, após o término da invasão, poderiam facilmente detectar onde haviam feito o buraco e, assim, retomar os bens. Justamente foi através dessa atitude que surgiu a expressão “enterro”, posteriormente associada a algo esquecido no tempo, que estaria envolto em energias sobrenaturais, periodicamente manifestando-se a algumas pessoas, para que essas localizassem tais fortunas.

Na continuação do livro demos ao Capítulo IV o título de “SUPERSTIÇÕES E LENDAS”. Isso porque nele ampliamos o conhecimento que nos chega através de leituras e de relatos de fontes sobre esse aspecto místico ligado ao ouro escondido. Lendas e sonhos são referidos e habitam o imaginário popular há gerações. Durante toda a coleta de dados para a elaboração do livro-reportagem, sempre se manteve presente nos relatos das fontes a menção a aparições sobrenaturais.

Dessa forma, esse capítulo procurou comentar sobre bolas de fogo e vultos – de escravos ou de antigos donos das fortunas –, que estariam entre os fenômenos testemunhados por várias das fontes. Diante disso, buscamos também explicações científicas para alguns desses fenômenos, já outros não tivemos como tentar interpretar, pois estão no nível da crença em

espíritos, mesmo. Durante a preparação dessa parte, o que mais nos despertou a curiosidade foi que esses fatos, muitas das vezes, acontecem em lugares que historicamente haviam sido palco de batalhas e disputas, ou seja, essa “coincidência” reforça, em muitas pessoas, a crença de que esses fenômenos sejam mesmo a indicação de que há ouro enterrado ali. Importante ressaltar que esses fenômenos, lendas e superstições não são exclusivos de São Borja e região. Nossas pesquisas e leituras nos fizeram detectar que tudo isso é relatado, igualmente, em outras partes do país.

Por fim, a última produção de conteúdo para o livro foi disposta no Capítulo V sob o título “A BUSCA PELO OURO ESCONDIDO”. Partimos de pesquisas na internet para identificar o quanto o tema “ouro escondido” ainda mexe com as pessoas. A insistência em localizar esse ouro escondido é tanta que movimenta até mesmo os grupos de compra e venda do Facebook, através de postagens rotineiras que envolvem a oferta de aparelhos detectores de metais, de vários modelos e preços.

Após constatarmos que, de fato, há pessoas interessadas em prospectar o solo em busca de riquezas, fomos atrás de um personagem que tivesse essa ação por hábito, ou por hobby. Toda reportagem necessita do que chamamos de bons “cases”, isto é, de fontes que tenham uma qualidade de informação e de representação que justifique a escolha que fizemos por elas. Assim, em termos de procura do ouro escondido, achamos um senhor que apelidamos de “Pedro”, pois ele só concordou em dar entrevista mediante a preservação de sua identidade no anonimato. Não pudemos identificar também sua atividade profissional, pois poderia ser um elemento facilitador de seu reconhecimento por parte do leitor são-borjense.

Pedro adota a busca dos tesouros como um hobby e, com essa experiência, já encontrou centenas de moedas, de diferentes épocas e valores. Foi a partir daí que passou a colecioná-las. Segundo ele, essas atividades – procurar e colecionar – lhe dão satisfação, e passam longe de representarem aquisição de riquezas. Portanto, conforme sua fala, ele ainda não chegou a encontrar “tesouros” que mudassem seu padrão de vida. Permanece com suas saídas a campo, comenta que a cidade tem pelo menos quatro ou cinco grupos desses “garimpeiros” modernos, equipados com detectores das mais diversas especificações. O interessante no relato de Pedro é que, além dessa sua programação para as horas vagas, ele também é chamado, por pessoas da cidade, para ajudá-las a conferir se procedem ou não mensagens sobrenaturais que teriam

recebido. Dessa atividade ele guarda histórias curiosas, envolvendo riquezas, espíritos e temores.

Para conseguirmos construir uma reportagem que apresentasse os âmbitos que projetamos, tínhamos que ter o personagem que nos falasse sobre seus “achados”. Algo que tivesse, realmente, feito a diferença em sua vida. Não foi nada fácil chegar até ele – e muito menos convencê-lo a contar detalhes e mostrar parte do que encontrou. Mas, por fim, conseguimos o depoimento do senhor que chamamos de “Mateus”. Ele já foi agraciado com o encontro de dois “enterros”.

Ao deparar-se com o primeiro “enterro”, Pedro sentiu que ali estava algo extraordinário. Conseguiu, de fato, mudar seu padrão de vida, adquirindo propriedades, inclusive a sede onde há anos está sua empresa, na cidade, bem como a propriedade que tem para usufruir com sua família, no interior. O segundo “enterro” teria sido mais simbólico, com moedas, armas e um relógio de ouro, relíquias que conserva até hoje – sem, no entanto, ter resultado em uma possibilidade de enriquecer, como acontecera com o primeiro.

É importante destacarmos que Pedro e Mateus são nossos personagens de maior relevância, pois houve e há, na vida deles, um impacto muito forte da questão das riquezas escondidas debaixo da terra. Todavia, também temos outras fontes que reconhecemos a importância de sua participação em nossa coleta de dados, pois nos permitiram acessar episódios, vividos por eles, que se conectam ao tema do ouro escondido. São eles o Frederico Janot e o Carlos Alexandre da Rocha. Com a descrição do que viram, ouviram e constataram, ou ainda do que acreditam sobre o assunto, nosso livro-reportagem teve a oportunidade de ampliar seu conteúdo, levando ao leitor esses testemunhos verídicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre o produto que desenvolvemos, o livro-reportagem **Em busca do ouro escondido – histórias e lendas sobre tesouros debaixo da terra**, podemos concluir que fizemos uma obra de cunho histórico-jornalístico, mesclando pesquisas e entrevistas, passado e presente.

Nosso objetivo inicial, evidente no enfoque experimental de constituir um material que somasse pesquisas bibliográficas e documentais a um trabalho de campo em busca de

evidências e testemunhos sobre o tema, sob a forma de grande reportagem, disposta como livro, foi cumprido. Para tanto, utilizamo-nos de procedimentos metodológicos próprios do Jornalismo, específicos do trabalho de reportagem, como a coleta de dados, a pesquisa de campo e a realização de entrevistas, incluindo a captação pelas técnicas de História Oral.

Na sequência, materializando nossa produção – reportagem em profundidade –, fizemos uma estruturação das informações em forma de texto, começando do aspecto histórico mais distante até chegarmos nos aspectos factuais/testemunhais do presente, a partir de cases locais.

Constatamos que, por mais que ainda pare um clima de mistério, que ainda se tenha “invenções” ou especulações em torno do tema “ouro escondido”, de fato ele é verídico e as pessoas que o encontraram estão aí para contar. Percebemos, ainda que existe uma mística ao redor do assunto, motivada pela curiosidade, pelo temor aos supostos espíritos, pelo desejo de vivenciar o encontro do tesouro, entre outros motivos.

O imaginário popular são-borjense há décadas se abastece dessas crenças e é isso que, ainda hoje, faz com que haja pessoa indo atrás de pistas, sonhos, mensagens ou até mesmo do que a tecnologia sugere em termos de localização de possíveis tesouros. Uns se frustram, e não raro atribuem a falta de êxito a terem cometido algum deslize contra as “regras” espirituais que vêm sendo passadas de geração em geração. Outros encontram algo ali ou aqui, e vão se empolgando para possíveis novos achados. Da mesma forma, encontramos quem tenha localizado expressivos tesouros e, satisfeito com isso e até temeroso quanto a despertar possíveis suspeitas, acabou por não tomar como meta a prospecção de novas fortunas – a menos que o destino lhe guie a tal.

Essas questões que envolvem o ouro escondido, como lendas que falam de escravos mortos e sepultados junto às fortunas, de modo que jamais pudessem informar a alguém o local dos “enterros”, são muito instigantes, e há quem jure que são verdadeiras. Não apenas almas de escravos, mas também de patrões, os donos das riquezas, são mencionadas pelas fontes. Imaginemos – para quem acredita no assunto – o quanto perturbador para um espírito de um estancieiro que ele tenha falecido sem informar a seus descendentes onde estava o baú ou o pote ou panela de moedas e joias! E, ainda mais: se seus filhos e netos já faleceram há tempos, e essa riqueza toda ainda permanece oculta e totalmente desconhecida pelos bisnetos, trisnetos e outros mais!

Certamente casos assim existem por essa terra vermelha, missioneira. Moedas e relíquias dos tempos jesuíticos – e, quem sabe, até mesmo perdidas nos tais túneis, que há quem garanta ter adentrado neles e que, portanto, são reais. Dinheiro, joias, armas e tantos outros de tempos de guerra, escondidos durante invasões. Patrimônios familiares, cuidadosamente arranjados à esquerda de um capão, ou ao pé de uma centenária figueira. Tudo isso está, potencialmente, em diversos cantos de nosso município, seja no interior ou na cidade, à espera de quem, com base na fé ou no espírito aventureiro, desbrave o mistério, revolva a terra e ache o que nela estava, há décadas, adormecido.

Nosso livro-reportagem, portanto, convida o leitor a esse entendimento, sem obrigá-lo a aceitar tais considerações. É esse o papel da reportagem, como gênero interpretativo do jornalismo. Nossa obra, de cunho autoral, permite apresentarmos o tema conforme o recorte do momento em que o prospectamos, cientes de que ainda há muito o que se falar. Possíveis continuações dessa abordagem, como novos títulos, dariam margem a outras interessantes histórias. Muitas vezes é preciso darmos o primeiro passo para estimularmos as pessoas a se abrirem. Nossa expectativa é de que isso ocorra, ou seja, ao lerem o livro, muitas fontes tenham vontade de contar e ver seu relato sobre a busca ou o encontro do ouro escondido.

Assim dizendo, afirmamos que não tivemos a pretensão de abranger todos os conteúdos ou informações possíveis sobre o tema, mas fomos até onde sentimos necessidade, para adentrarmos com as histórias dos personagens que nos deram entrevista. Confessamos que não foi uma tarefa fácil. Em parte já mencionamos que tivemos de criar confiança, cumplicidade, mas até chegamos aí, literalmente, fizemos várias idas e vindas da casa para o local onde ficam essas pessoas (residência ou ambiente profissional). Um deles demandou uma série de visitas. Sempre havia um empecilho para que ele nos mostrasse os “achados”. Parecia algo encantado. Um dia, desencantou.

No fim, passados os momentos de certa desconfiança ou tensão, acabamos construindo uma relação de amizade e consideração recíproca. Isso é para a vida toda. O que começou como um trabalho para concluirmos o curso, terminou como um presente. Um tesouro que descobrimos, ao final da trajetória, que tem a ver com valores espirituais, e não com materiais. Em suma, a pesquisa e a prática da reportagem, para um trabalho acadêmico, foram guias para uma jornada de aprimoramento de técnicas, mas, sobretudo, de crescimento pessoal.

O livro-reportagem, no formato digital, pode ser socializado com facilidade. Estamos à disposição para enviarmos a quem nos requisitar. No entanto, foram feitas algumas cópias impressas, sobre as quais abaixo apresentamos os custos. Aliás, igualmente estamos à disposição para possíveis encomendas de exemplares, os quais, conforme forem demandados, iremos solicitar a impressão e entregaremos ao custo de produção. Na continuidade deste relatório também iremos expor o cronograma que seguimos, as referências e anexos (capa e contracapa) do trabalho.

6. ORÇAMENTO

Materiais	Valores	Quantidade	Total
Impressão	R\$16,00	6	R\$96,00
Design capa	R\$16,00	6	R\$96,00
Encadernação	R\$15,00	6	R\$90,00
Total geral			R\$282,00

7. CRONOGRAMA

Mês/Ano	Atividade
Janeiro/2020	Discussões iniciais sobre a pauta direcionada ao TCC e ao formato do projeto experimental (produto).
Março/2020	Prospecção de leituras e confecção do anteprojeto.
Abril/2020	Busca por entrevistados; realização de entrevistas. Contatos com pessoas de São Borja e de Santo Tomé.
Junho/2020	Resolução quanto a como proceder para fazer entrevistas em meio à pandemia; continuação da pesquisa bibliográfica; reuniões para análise dos materiais obtidos.
Julho/2020	Realização de entrevistas de forma remota.
Setembro/2020	Transcrição das entrevistas; projeção do produto, com revisão de sua estruturação.
Novembro/2020	Encaminhamento da etapa de TCC I, com a entrega do material solicitado pela Profª Orientadora – parte da redação.
Dezembro/2020	Conclusão do TCCI; análise das próximas etapas e combinações sobre os cases a serem prospectados no TCCII.
Fevereiro/2021	Mais contatos com as fontes, leituras adicionais e encontro dos personagens-chave; continuação da redação.
Março/2021	Definição final sobre formato do trabalho, edição das entrevistas e redirecionamento para livro-reportagem, com subsídios a respeito; continuação e ajustes na redação.
Abril/2021	Conclusão da edição de textos e imagens; novas captações de imagens (fotos); revisão e ajustes no trabalho; projeto gráfico e diagramação; entrega do TCC II.

9. REFERÊNCIAS

Livros e produções acadêmicas:

ANDRÉ, Sônia Nickel. “A trajetória da mãe do ouro na literatura gaúcha”. Dissertação de mestrado. Rio Grande/RS: FURG, 2006. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2688>

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Ática, 1994.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Andrielli de Brites da. “O ouro dos espíritos – tradição e esperança no imaginário paraguaio”. In: Revista GeoPantanal: UFMS/AGB/ Corumbá/MS, N. 28, pp. 49-60, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.ufms.br/index.php/revgeo>

DUARTE, Jose; Barros, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GARRIDO, Loan del Alcazar. “As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate”. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set192-ago/93.

KESSEL, Carlos. “Os tesouros do Morro Do Castelo: ouro dos jesuítas no imaginário do Rio De Janeiro”. Ponta Grossa: Revista de História Regional (RHR), pp. 9-50, Inverno 1997. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2041>

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de e LOPES, Thiago Stevenny. “A botija da Serra da Rajada: entre a memória e a história”. In: Revista Inter-Legere, Número 10, de janeiro a junho de 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/download/4210/3446/>.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

“Ouro e Diamantes na Colônia Americana”. Site do Arquivo Nacional, 22/02/2018. Disponível em:

http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5116:ouro-e-diamantes-na-colonia-americana&catid=64&Itemid=370

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. “Assombros e desenterros de dinheiro nas paisagens missioneiras do Rio Grande do Sul. In Revista Habitus. Goiânia, v. 3, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2005. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Xj6zoAOaeF4J:seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/download/212/167+&cd=18&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

Entrevistas:

AGUILAR, Ramão. Entrevista ao autor. São Borja, 01/07/2020.

FELDBERG, Jean Vinícius. Entrevista ao autor. São Borja, 03/07/2020.

“MATEUS”. Sessões de entrevistas ao autor. São Borja, 02/03/2021 e 01/04/2021.

“PEDRO”. Sessões de entrevistas ao autor. São Borja, 09/02/2021; 23/02/2021 e 05/04/2021. Saída a campo em 07/04/2021.

ROCHA, Carlos Alexandre da. Entrevista ao autor. São Borja, 03/10/2019.

Notícias e reportagens:

“Alienígenas e tesouros ancestrais em Santa Catarina”. Revista Ufo. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/alienigenas-e-tesouros-ancestrais-em-santa-catarina.html>

“Caçadores de tesouros procuram tacho de ouro escondido no Centro-Oeste de Minas”- Paulo Henrique Lobato (reportagem, 2015). Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/14/interna_gerais,687967/cacadores-de-tesouros-procuram-tacho-de-ouro-escondido-no-centro-oeste.shtml

“Casal acha milhões em moedas de ouro no quintal”. Notícia. Estadão (online), 26/02/2014. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,casal-acha-milhoes-em-moedas-de-ouro-no-quintal-,9790,0.htm>

“Com apenas um detector de metais, dupla descobre tesouro de 2 mil anos”. Notícia. Jornal O Globo (online), 01/03/2017. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/com-apenas-um-detector-de-metais-dupla-descobre-tesouro-de-2-mil-anos-20994794>

FONSECA, Rudinei Pereira da. “Fogo Fátuo e Mãe do Ouro”. Autor do site <https://jesuitastesouros.webnode.com>

IBANHES, Brígido. “Alienígenas e tesouros ancestrais em Santa Catarina”. Revista UFO (online). Reportagem, 01/03/2012. Disponível em:
<https://ufo.com.br/artigos/alienigenas-e-tesouros-ancestrais-em-santa-catarina.html>

LOBATO, Paulo Henrique Lobato. “Caçadores de tesouros procuram tacho de ouro escondido no Centro-Oeste de Minas”. Reportagem. Belo Horizonte: jornal Estado de Minas Gerais, 14/09/2015. Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/14/interna_gerais,687967/cacadores-de-tesouros-procuram-tacho-de-ouro-escondido-no-centro-oeste.shtml

PIVATTO, Maria Antonietta Castro. “Os enterros da Guerra do Paraguai”. Portal Bonito, s/d. Disponível em:
<http://www.portalbonito.com.br/cultura/folclore/os-enterros-da-guerra-do-paraguai>

“Virou milionário! Após três anos de buscas, aventureiro acha tesouro enterrado e ganha bolada”. Notícia. Portal R7 (online), 16/10/2014. Disponível em:
<https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/virou-milionario-apos-tres-anos-de-buscas-aventureiro-acha-tesouro-enterrado-e-ganha-bolada-16062018#!/foto/5>

Vídeos:

“A lenda do tesouro dos jesuítas – O Início”. Vídeo. Canal Detectorismo – Tesouros, Pedras Preciosas e Notícias, 22/11/2018. Disponível em: <https://youtu.be/1469lpGT24A>

“Os jesuítas no Brasil, as Missões e a relação com Portugal”. Vídeo. Canal Parabólica, 26/02/2019. Disponível em: https://youtu.be/QBeMX_UIS7w

Outras fontes:

Legislação para quem encontra ouro:

“Achado do tesouro”. Site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Disponível em:
<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/achado-do-tesouro>

STRAZZI, Alessandra. “Achado não é roubado?”. Artigo. Portal Jusbrasil (online). Disponível em:
<https://alestrazzi.jusbrasil.com.br/artigos/115242068/achado-nao-e-roubado>

Conteúdos em sites escolares:

BEZERRA, Juliana. “Ciclo do Ouro”. Site Toda Matéria, s/d. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/ciclo-do-ouro/>

FARIA, Caroline. “História do Ouro no Brasil”. Site Infoescola, s/d. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/historia-do-ouro-no-brasil/>

10. ANEXOS

Imagem de capa e contracapa do livro

